

A questão da educação sexual no ambiente escolar em Moçambique: um caso de estudo envolvendo professores e alunos da escola secundária 7 de abril na cidade de Chimoio-Moçambique

Anfibio Zacarias Huo*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-2490-4894>

Rogério Filipe Mário**

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-8784-1958>

RESUMO

O presente estudo versa em prol da educação sexual no ambiente escolar: um caso de estudo envolvendo professores e alunos da escola secundária 7 de abril na cidade de Chimoio. O estudo objetivou compreender as formas de Educação sexual que tem sido desenvolvida no meio escolar, ampliando a compreensão sobre a necessidade de promover uma formação adequada para aperfeiçoar o conhecimento acadêmico dos professores. Para isto, foi empregada uma metodologia essencialmente mista qualitativa e os dados foram coletados através de um questionário com perguntas fechadas para os alunos e uma entrevista semiestruturada para os professores, ao qual responderam 10 professores e 20 alunos. O estudo demonstrou que os alunos sentem carência no desenvolvimento adequado e mais contínuo em sala de aula, apresentando inúmeras dúvidas sobre o tema. Os resultados das entrevistas aplicadas para os professores indicam que eles têm conhecimento sobre o assunto, mas a maioria sente necessidade de cursos de capacitação para melhorar o conhecimento do assunto. Logo, verifica-se a necessidade de implementação e desenvolvimento de cursos de formação, juntamente com a ampliação da sensibilidade e interesse por parte dos professores em aprender e dialogar sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE

Educação; Sexualidade; Professores; Alunos; Escola

The issue of sex education in the school environment in Mozambique

ABSTRACT

The present study deals with the promotion of sexual education in the school environment: a case study involving teachers and students of the secondary school April 7 in the city of Chimoio. The study aimed to understand the forms of sexual education that has been developed in the school environment, expanding the understanding of the need to promote adequate training to improve the academic knowledge of teachers. For this, an essentially mixed qualitative methodology was used and data were collected through a questionnaire with closed questions for the students and a semi-structured interview for the teachers, to which 10 teachers and 20 students responded. The study showed that students feel a lack of adequate and more continuous development in the classroom, presenting numerous doubts about the subject. The results of the questionnaires applied to the teachers indicate that they consider themselves to have knowledge about the subject, but most of the interviewees feel the need for training courses for better knowledge of the subject. Therefore, there is a need to implement and develop training courses, along with the expansion of sensitivity and interest on the part of teachers in learning and dialogue on the subject.

* Doutorando e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP-Brasil). Email: anfibiohuo3@gmail.com

** Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP-Brasil) e Docente na Faculdade de Educação da Universidade Púnguè. Email: rogeriofilipemario@gmail.com

KEYWORDS

Education; Sexuality; Teachers; Students; School

Dhimma barnoota saalqunnamtii naannoo mana barumsaa Mozaambiik

OTHIKILELA (Macua-Metto):

Qorannoon ammaa kun barnoota saalqunnamtii naannoo mana barumsaa keessatti guddisuuf kan akeekedha: qorannoo haalaa barsiisotaa fi barattoota mana barumsaa sadarkaa lammaffaa 7 de Abril magaalaa Chimoio keessatti hirmaachise. Qorannoon kun gosoota barnoota saalqunnamtii manneen barnootaa keessatti qophaa'an hubachuuf kan kaayyeffate yoo ta'u, beekumsa barnootaa barsiisotaa fooyyessuuf leenjii gahaa ta'e guddisuun barbaachisaa ta'uu hubannoo babal'isuun kan kaayyeffate ture. Kanaafis mala qulqullinaa bu'uuraan walmakaa ta'e fayyadamuun odeeffannoon karaa gaaffilee barattootaaf gaaffilee cufamanii fi af-gaaffii walakkaa caaseffama qabuun barsiisotaaf taasifamuun kan walitti qabame yoo ta'u, barsiisonni 10 fi barattoonni 20 deebii kennaniiru. Qorannoon kun barattoonni daree keessatti guddina gahaa fi walitti fufiinsa qabu dhabuun akka itti dhaga'amu kan agarsiisu yoo ta'u, mata duree kana irratti shakkii hedduu dhiyeessa. Bu'aan gaaffilee barsiisota irratti hojiirra oolan dhimmicha irratti beekumsa akka qabanitti akka of ilaalan kan agarsiisu yoo ta'u, namoonni af-gaaffii godhaman harki caalaan isaanii garuu barnoota kana caalaatti hubachuuf leenjii barbaachisaa ta'uu isaa itti dhaga'ama. Kanaafuu, miiraa fi fedhii gama barsiisonni mata duree kana barachuu fi mari'achuu irratti qaban dabaluu cinaatti, koorsii leenjii hojiirra oolchuu fi qopheessuun barbaachisaa ta'uu ibsameera.

MOLUMO ANLAMULIYA UCUWELIYA SAANA

Saalqunnamtii; Barsiisota; Barattoota; Mana barumsaa



Considerações iniciais

A existência de diversos tabus, preconceitos e a falta de diálogo contribuem para que crianças e adolescentes fiquem vulneráveis sobre o seu corpo e sua sexualidade. Para mudar esse cenário, especialistas na área são enfáticos ao defender a educação sexual na escola como uma ferramenta para possibilitar que os jovens conheçam o próprio corpo, promovendo orientação e proteção. Como refere Tibale e Chaves (2003.p11):

A educação sexual para criança e adolescente não é ensinar fazer sexo. A sexualidade da criança é diferente da do adulto e o foco é o conhecimento do próprio corpo. Muitos associam a sexualidade como sinônimos de relação sexual. Conversar com a criança sobre a sexualidade não estimula a prática sexual precoce, muito pelo contrário (TIBALLI; CHAVES, p. 211, 2003).

Conforme afirma Moraes (2015), trazer essas orientações para as crianças significa explicar sobre privacidade, autoproteção, sentimentos e consentimentos. As temáticas ajudam as crianças a entenderem a diferença entre toques que são permitidos, agradáveis e toques que não são permitidos e desconfortáveis, que as pessoas não

podem tocar no corpo delas se elas não quiserem, e que elas podem dizer não. A ideia também é trabalhar noções de conhecimento do corpo, mudanças pelas quais o corpo passa e de higiene.

Moçambique, através do sector de educação, introduziu conteúdos sobre educação sexual abrangente no currículo de formação do professor e no currículo do ensino primário, cuja metodologia de abordagem é transversal em todas as disciplinas e igualmente foi elaborado um manual metodológico de educação sexual abrangente para professores do 1º e 2º ciclo do ensino primário.

A Saúde Sexual e Reprodutiva constitui uma prioridade na prestação de cuidados de saúde pelo Governo de Moçambique, nesse contexto várias iniciativas vêm sendo implementadas no País desde o mais alto nível de direção, a destacar a iniciativa Presidencial para a Saúde da Mulher e da Criança, onde todos os segmentos da sociedade moçambicana foram chamados para se envolverem na busca de soluções para responder à problemática da saúde da mulher e da criança no País.

Moçambique, através dos Ministérios da Educação e Desenvolvimento Humano e da Saúde, assumiu em 2013 o compromisso ministerial sobre educação sexual abrangente e serviços de saúde sexual e reprodutiva para adolescentes e jovens. O compromisso ministerial do ESA é uma aliança cujo surgimento é uma resposta aos desafios e experiências vividas pelos adolescentes e jovens dos 10 aos 24 anos de idade na África Oriental e Austral. Este grupo alvo enfrenta muitos desafios concernentes à saúde sexual, com destaque para gravidez precoce e indesejável, uniões prematuras, violência sexual e baseada no género, discriminação e acesso limitados os serviços de saúde de qualidade e infecções transmitidas sexualmente, incluindo o HIV.

Portanto, nota-se que a sexualidade é importante por se tratar da fase presente na vida de todo ser humano e muitas vezes devido à ignomínia o tema não é explanado, podendo ocasionar consequências negativas na vida do adolescente, como por exemplo, proliferação de infecções sexualmente transmissíveis devido ausência de conhecimento. Diante disso, esse estudo se faz pertinente pela necessidade de superar preconceitos e valores que interfiram na educação sexual no âmbito escolar de forma saudável e apropriada, para que seja possível desenvolver uma nova visão sobre a importância da formação do professor sobre o assunto, além de propiciar conhecimento para o aluno.

Entretanto, esta pesquisa é baseada na questão: as formações dos professores têm sido suficientes para trabalhar adequadamente a temática da Educação sexual em salas de aula? A partir deste questionamento buscaremos refletir e propiciar meios para

responder e esclarecer dúvidas. Deste modo, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como a temática da Educação sexual tem sido trabalhada na Escola Secundaria 7 de Abril na cidade de Chimoio, buscando debater sobre a formação adequada do professor com o intuito de proporcionar maior conhecimento e ruptura dos conceitos pré-estabelecidos socialmente por contexto biopsicossocial, possibilitando ao professor um conhecimento mais científico e didático sobre o tema.

1. Quadro teórico: Conceitos de sexualidade

Muitas vezes confundimos o que é sexualidade e o que é educação sexual, e por esse motivo quando se fala da necessidade da abordagem do tema ocorre resistência, principalmente por parte dos pais e familiares de alunos. Ressalta-se que cada período histórico exhibe vários modos de compreender e se posicionar sobre distintos fenômenos (Torres, 2013). Logo, é fundamental que a sexualidade seja trabalhada constantemente no meio escolar, visando entender as mais diferenciadas explicações e posições sobre este tema.

Puerto (2009), explica que para o senso comum sexualidade é compreendida em como análoga ao sexo e para a grande maioria é resumida ao sexo e ao sistema reprodutor. Nota-se uma compreensão comum e limitada da sexualidade que prevalece na sociedade. Muitas vezes, a sexualidade é reduzida apenas à dimensão física e biológica, ou seja, ao ato sexual e ao sistema reprodutivo. No entanto, a sexualidade é uma construção muito mais complexa e abrangente, envolvendo aspectos psicológicos, sociais, culturais e emocionais.

Silva Júnior (2014) interpreta a sexualidade como um complexo de manifestações de caráter afetivo-emocionais, que envolve a orientação sexual juntamente com as distintas expressões de gênero. A sexualidade humana pode então ser pontuada como uma dimensão biológica em que o indivíduo está inserido, sendo elaborada pelo âmbito social, cultural e histórico (CARVALHO, RODRIGUES & MEDRADO, 2005). Logo, a sexualidade vai além dos aspectos biológicos e reprodutivos.

Ela é parte integrante da personalidade e abrange todo o comportamento do indivíduo e se expressa numa diversidade de manifestações, tais como: carícias, beijos, abraços, olhares, sentimentos, afetos, fantasias, desejos, sonhos e prazer (Santos, 2001). A sexualidade, como destacado por Santos, é multifacetada e abrange uma diversidade de manifestações. Essa visão reconhece que a sexualidade é uma parte fundamental da experiência humana que envolve tanto aspectos emocionais quanto físicos. Ela também

destaca que a sexualidade é uma parte integral da identidade de uma pessoa e está entrelaçada com sua vida cotidiana e seus relacionamentos interpessoais.

Puerto (2009, p. 148) explica que o estudo da sexualidade “deverá conduzir a responsabilidade igual entre os sexos, analisando, permitindo e defendendo as diferenças”. O estudo da sexualidade não deve apenas reconhecer a igualdade de gênero, mas também promovê-la. Isso significa que homens e mulheres devem ser tratados de maneira justa e igual em todas as questões relacionadas à sexualidade, incluindo direitos, responsabilidades e oportunidades. Assim, falar desta temática na escola não instiga sua prática, mas conscientiza e previne agravos. Portanto, é essencial reconhecer em sala de aula a dinamicidade da temática levando o aluno a compreender sobre esta.

2. Educação sexual no ambiente escolar

A instituição escolar desempenha um papel fundamental relacionado com a temática da Educação sexual, carecendo de ser um espaço para desenvolver a pluralidade de significados e compreensão sobre o assunto. Este assunto principalmente em anos passados foi encarado de modo oculto, onde não só os professores não trabalhavam o conteúdo, mas também de certo modo a escola proibia de se comentar sobre este. Conceição (1988) explica que:

Um sistema de educação autoritária e opressora não oferece oportunidade de crescimento ao indivíduo como pessoa livre e capaz de escolher o seu destino. Este sistema educacional não é compatível com o exercício sadio da sexualidade, que é a expressão livre e natural do relacionamento humano (CONCEIÇÃO, 1988, p. 72).

Evidencia-se a necessidade de flexibilizar a questões acadêmicas juntamente com os assuntos vivenciados pelo aluno, sendo então possibilitada uma aprendizagem mais concreta, ou por outra, os educadores devem ser flexíveis em suas abordagens de ensino, adaptando o currículo e os métodos de acordo com as necessidades e interesses dos alunos. Isso pode envolver a incorporação de projetos, estudos de caso ou atividades práticas que permitam aos alunos aplicarem o que estão aprendendo em situações do mundo real. (LEÃO, 2009).

A presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “Educação Sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela

faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 1999, p. 81).

Um profissional capacitado precisa ter empatia e respeito pelo assunto. Um preparo adequado é aquele que visa sanar as dúvidas e angústias possibilitando uma melhor capacidade de diálogo e tomada responsável de decisões. Por ser um tema complexo e que necessita amparo, o professor mais do que preparo técnico, precisa levar o aluno ao reconhecimento das suas necessidades e desejos, desenvolvendo, assim, a cognição e o afeto. Logo, é preciso quebrar tabus, oferecendo uma prática mais reflexiva, fornecendo não só subsídios sobre a ES, mas transmitindo valores e atitudes, levando-se em conta os sentimentos e o respeito.

Os professores encarregados de educação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito. Se o lar está falhando neste campo, cabe à escola preencher lacunas de informações, erradicarem preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores (TELES, 1992, p. 51).

A ES deve procurar esclarecer para jovens e adolescentes a respeito da responsabilidade particular de cada um diante do seu próprio corpo. Uma educação sexual benéfica é aquela que não se restringe ao aprendizado da parte fisiológica e funções do corpo humano, mas sim a que aborda assuntos sobre a autoestima, desejos sexuais e não sexuais, sentimentos conflitantes e o respeito, permitindo uma visão consciente das relações interpessoais e de gênero, da saúde reprodutiva e imagem corporal, contemplando também as partes psicológicas, sociológicas e espirituais da sexualidade. Compreender a ES na adolescência é essencial, pois,

[...] estudos sobre o crescimento e o amadurecimento sexual durante a puberdade, o surgimento de características sexuais secundárias, a possibilidade de gravidez decorrente do ato sexual, associada a eventos da ejaculação e do ciclo menstrual, bem como a utilização e o funcionamento de preservativos (LOURO, 1999, p. 81).

Do mesmo modo que orientamos às crianças sobre diversas ações, como olhar para os dois lados antes de atravessar a rua, não falar com estranhos, nem aceitar doces e presente deles, precisamos ensiná-las a lidar com seus sentimentos, incluindo os que dizem respeito à sexualidade. Para isso, é importante que ocorra uma conscientização sobre a necessidade da promoção da educação sexual preventiva. Beraldo (2003, p. 103) afirma que “a educação sexual acontece no seio familiar. É uma experiência pessoal contida de valores e condutas transmitidos pelos pais e por pessoas

que o cercam desde bebê”. Cabe a família, iniciar essa discussão e preparar o adolescente para uma vida sexual positiva, sem problemas e dúvidas.

O ambiente familiar desempenha um papel fundamental na educação sexual das crianças e adolescentes. Os valores, crenças e comportamentos em relação à sexualidade são moldados, em grande parte, pelas interações familiares. É importante notar que a educação sexual não se limita à transmissão de fatos sobre anatomia e fisiologia; também envolve a discussão de questões emocionais, éticas e de relacionamento. Além disso, a educação sexual não deve ser um monólogo, mas sim um diálogo aberto e respeitoso entre pais e filhos, permitindo que os adolescentes expressem suas dúvidas e preocupações.

Desta forma, o professor precisa se capacitar cientificamente sobre o conteúdo para transmitir dados verdadeiros e confiáveis para o aluno. Assim, é essencial que o professor reconheça sua função diante do trabalho com a ES percebendo a grandeza de desenvolver meios que oportunizem o aluno a conhecer e entender melhor sobre sua sexualidade.

3. Metodologia

A metodologia aplicada foi de natureza qualitativa. De acordo com Silveira e Córdova (2009), o método qualitativo permite trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A recolha de dados teve como base a entrevista semiestruturada e o questionário. Estes instrumentos foram concebidos para permitir a recolha de dados de forma abrangente a população alvo que, num curto espaço de tempo foi possível obter resultados desejados para análise do estudo em caso.

De acordo com Silveira & Córdova (2009), na entrevista semiestruturada o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está ser estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal. O questionário é definido por Gil (2008) como sendo uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

O estudo teve como população os professores e alunos, dos quais foi retirada uma

amostra intencional de 10 professores e 20 alunos. Como afirma Silveira & Cordova (2009), neste tipo de amostragem, o pesquisador decide quem irá compor a amostra. É bem frequente em estudos psicométricos de validação de testes psicológicos. Neste tipo de pesquisa, existe uma etapa em que especialistas são convidados para opinar sobre características dos testes.

No que concerne à análise de dados, estes foram analisados usando a técnica de análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011), análise de conteúdo é uma metodologia usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos e textos, conduzido a descrições sistemáticas qualitativas e ou quantitativas permitindo a compreensão dos seus significados. Em conformidade com este autor, nesta pesquisa o método de análise de conteúdo foi aplicado para analisar as questões abertas dos inquéritos e das entrevistas de modo a permitir melhor compreensão das atitudes e comportamentos dos respondentes diante do tema em estudo.

3.1. Apresentação dos resultados

Buscando caracterizar os participantes da pesquisa um questionário foi entregue para os professores da escola. No que concerne ao gênero dos professores foi possível aferir que 35% são do gênero masculino e 65% Feminino. Quando questionados sobre o que é sexualidade, o **prof.1** afirmou que: *“Uma dimensão do ser humano”*. Por sua vez o **prof.2** disse que: *“a sexualidade humana representa o conjunto de comportamentos que concernem à satisfação da necessidade e do desejo sexual”*. Já o **prof.3** respondeu: *“Tema interligado ao sexo, ao corpo, à puberdade”*. Ainda o **prof.4** disse: *“atração física pelo sexo oposto, expressar afeto e contato, inicia na adolescência, busca de prazer, satisfação dos desejos do corpo.”* O **prof.5** foi mais longe respondendo que: *“Existem muitas formas e definir o que é sexualidade para mim é a necessidade de receber e expressar afeto e contato, não é apenas sexo, é o toque, o abraço, etc.”*. Respondendo a mesma questão o **prof.6** diz: *“Fase, formação, crescimento e amadurecimento.”* Para o **prof.7** *“A sexualidade é um conceito que está baseado na atração sexual e na afetividade compartilhada entre as pessoas”*. O **prof. 8 e 9** disse que: *“sexualidade é uma descoberta, nomeadamente do próprio corpo”*.

Foi questionado aos professores sobre seus anseios em falar sobre sexualidade com seus alunos, com o intuito de então saber o que necessita ser trabalhado com esses professores a fim de que eles alcancem êxito em sua didática. o **prof.1** afirmou que: *“Não existe nem um medo e nem receio”*. Por sua vez o **prof.2** disse que: *“Sim, de falar ou citar*

algo que pode deixá-los constrangidos”. Já o **prof.3** respondeu: “*Sim, cuidado em usar termos que não servem para o verdadeiro sentido do sexo. Falar espontaneamente como algo que faz parte do ser humano como outros órgãos, o coração.*”. Ainda o **prof.4** disse: “*Não, dou aulas de biologia, fica fácil*” Os **profs. 5, 6 e 7** responderam que: “*Não.*”

Perguntados sobre qual então seria a posição do professor em sala de aula quando os alunos questionam algum assunto sobre sexualidade? As respostas foram: o **prof.1** afirmou que: “*Converso normalmente sobre o assunto; independente do assunto da aula e do questionamento do aluno – aluno (pergunta) assunto é o aluno – seu questionamento.*”. Por sua vez o **prof.2** disse que: “*Geralmente cria-se mais curiosidade em relação ao tema.*”. Já o **prof.3** respondeu: “*Procuro orientar normalmente, mesmo às vezes sem dominá-lo com exclusividade.*”. Ainda o **prof.4** disse: “*De uma forma propícia, paro o assunto da aula e explico o que foi perguntado*” O **prof.5** foi mais longe respondendo que: “*Eu respondo, se não souber pergunto para uma professora de biologia e aí respondo ao aluno, ou pesquiso sobre o tema aí trago a resposta*”. Respondendo a mesma questão o **prof.6** diz: “*Procuro orientar sobre o questionamento e informar todo o tipo de risco que a relação sexual precoce pode causar.*” Para o **prof.7** “*Medo porque não tenho muito conhecimento acerca do tema*”. O **prof. 9** disse que: “*Tento dar ao meu máximo respondendo aos meninos*”. E por fim o **prof.10** disse: “*Explico de acordo com a situação evitando o preconceito.*”

Quando questionados sobre sua formação acadêmica associada a atividades relacionadas com a sexualidade. Estes responderam: o **prof.1** afirmou que: “*Na área que eu atuo não houve referências sobre o assunto na formação.*”. Por sua vez o **prof.2** disse que: “*Não houve a abordagem do assunto na minha formação acadêmica.*”. Já o **prof.3** respondeu: “*Como sou formada em matemática, não foi falado nada sobre o tema sexualidade, por isso tenho que pesquisar quando questionada.*”. Ainda o **prof.4** disse: “*Para mim tenho conhecimento, mas sempre temos que ter mais formação.*” O **prof.5** foi mais longe respondendo que: “*infelizmente, não tive a formação sobre assunto*”. Respondendo a mesma questão o **prof.6** diz: “*Não tive, apenas conhecimento comum.*” E por fim o **prof.7** disse: “*nada na minha formação nunca se falou*”.

Quando questionados sobre a necessidade de capacitação da temática em estudo, estes disseram: o **prof.1** afirmou que: “*Sim, os professores não recebem orientação sobre o assunto e falham em sala de aula.*”. Por sua vez o **prof.2** disse que: “*Sim, nossos alunos estão com essas carências e às vezes é somente o professor que é procurado.*”. Já o **prof.3** respondeu: “*Sim, mas procuro pesquisar as novidades da ciência a esse*

respeito.”. Ainda o **prof.4** disse: “Acredito que uma formação melhora meu conhecimento de como expor o assunto.” O **prof.5** foi mais longe respondendo que: “Eu acho que sim, porque é bom a gente saber um pouco mais sobre sexualidade, seria poder estar alertando, passando para os alunos.”. Respondendo a mesma questão o prof.6 diz: “Estou sempre com necessidade de formação quanto mais melhor para passar conhecimento.” E por fim o **prof.7** disse: “sim a necessidade”.

Foram ainda inquiridos 20 alunos dos quais 60% são do sexo feminino e 40% do Masculino por outra ficou possível aferir que 25% dos alunos encontram-se nas idades compreendidas entre 10-15 anos e 75% entre 16-20 anos de idade. Foram questionados se tinham conhecimento sobre o que seria educação sexual, foi possível aferir que 35% tinham conhecimento sobre a temática em contrapartida 65% não tem conhecimento. Questionados se na escola tem-se abordado acerca do tema 20% afirmam que não, em contrapartida 35% escolheram nunca e 45% disseram que sim.

Perguntados sobre quais temas tem-se abordado na Educação sexual nota-se que a questão do sexo não é abordada com 0%, a gravidez, aborto e métodos contraceptivos juntamente com o uso da camisinha cada com 10%, as doenças transmissíveis com 15%, 20% afirmam que todos os temas são abordados e 35% não sabem.

Gráfico 1: Temas abordados na Educação sexual



Fonte: Dados da pesquisa

3.2. Discussão de resultados

No que concerne ao género dos professores foi possível aferir que a maioria do público investigado consiste em mulheres, com predominância em questão de 65% dos participantes, este facto, relacionado ao tema da sexualidade pode ser positivo, no qual, na pesquisa realizada por Savegnago e Arpini (2013) com mães e adolescentes a respeito da sexualidade, os jovens consideraram que quando o assunto era explicado

pela figura feminina o impacto foi classificado como mais leve do que realizado por um homem.

Diante das respostas da questão referente ao conceito de sexualidade, pode-se perceber que apesar dos professores considerarem entender bem sobre a sexualidade, estes têm dificuldade em defini-la de forma científica. Entende-se que da mesma forma em que eles não conseguem perceber a sexualidade, eles têm dificuldades em transmiti-la aos alunos. Segundo Leão (2009), muitos professores possuem dificuldades em orientar seus alunos, seja por razões pessoais, seja pela falta de informações específicas voltadas para a área da sexualidade e até mesmo por falta de orientação e de recursos metodológicos que os ajudem a compreender e realizar uma orientação adequada.

Por muito tempo, a juventude foi vista como algo a ser controlado, pois o adolescente precisaria ser protegido de seus impulsos sexuais. Essa e outras visões estão ligadas a uma perspectiva biológica (DINIS; LUZ, 2007). Em contrapartida, na modernidade busca-se cada vez mais a exposição e discussão sobre a sexualidade, e segundo Foucault (1988 apud Dinis e Luz, 2007), os estudos na área tiveram grande contribuição para que se pudesse entender a sexualidade sob uma perspectiva histórico-cultural.

Assim, não se busca mais o silenciamento da sexualidade, e sim sua constante visibilidade e exposição, inclusive mediática. Além disso, os autores afirmam que a mídia é um elemento de formação cultural que por vezes está mais presente que a formação escolar, interferindo nas representações que se tem sobre sexualidade. Percebeu-se que uma parte significativa alega que existe sim anseios em falar sobre sexualidade com seus alunos. Por outro lado, percebe-se que abordar a sexualidade na escola é uma necessidade para que se possa transformar a sociedade. Não há mudanças com relação aos tabus e discriminações, se não houver debate saudável a respeito dessas questões.

Sendo que o simples acesso às informações não forma um cidadão crítico e bem esclarecido. Logo, a escola tem o papel de fazer o aluno rever informações que, geralmente, ele já possui sobre o assunto, compreendendo-a corretamente e refletindo sobre ela para que esse conhecimento, realmente, seja importante para sua formação. Pois como afirma Novak (2013) a sexualidade está além dos muros da escola, por isso, precisa-se levar em conta a sociedade, buscando formar um aluno consciente e que busque combater preconceitos e tabus.

Malina et al. (2009), Rogol et al. (2002) e Rowland (1996) afirmam que o papel do professor é o de oferecer novos conhecimentos, experimentar questionamentos e

possibilitar a interação de opiniões que favoreça as decisões individuais, oferecendo subsídios para o crescimento por meio da busca da verdade.

Os professores desempenham um papel central na transmissão de conhecimentos e informações aos alunos. Eles são os facilitadores do aprendizado, fornecendo informações atualizadas e relevantes. O professor apropriado para abordar o tema é aquele que está bem "adequado com sua sexualidade, tendo a coragem de desafiar seus próprios tabus e preconceitos, reconhecendo suas próprias falhas". (DINIS; LUZ, 2007).

Olhando para o posicionamento dos professores na questão sobre a posição do professor em sala de aula quando os alunos questionam algum assunto sobre sexualidade, notou-se que nem todos têm tido uma posição favorável na sala de aulas quando os alunos questionam algum assunto sobre sexualidade. De acordo com Britzman (1999) qualquer professor pode, a princípio, trabalhar com orientação sexual, sendo necessário que esteja acessível ao conhecimento do outro e de si próprio. É necessário haver condescendência consigo mesmo, não estabelecer uma relação arrogante com o saber científico, ter disponibilidade para rever atitudes e crenças.

Nota-se sentimentos conflitantes entre o que lhe é ordenado fazer e o que acredita ser de fato correto com sua formação histórico-social. A temática se associa a questões complexas, de aspectos existenciais e institucionais onde várias vezes os professores não sabem lidar com a questão em suas próprias vidas. Britzman (1999) afirma que não se pode exigir do professor um desprendimento absoluto no que tange as questões associadas à sexualidade, mas sim, consciência sobre quais os valores, crenças, opiniões e sentimentos que apreendeu para que desenvolva uma postura ética na sua atuação junto aos alunos.

Questionados sobre sua formação acadêmica associada a atividades relacionadas com a sexualidade apenas um dos docentes respondeu que em sua formação não faltou nada, os demais professores consideram que não tiveram informação suficiente durante sua formação acadêmica sobre a temática. Nas faculdades de Educação de todo o país, é difícil encontrar disciplinas obrigatórias que abordem as questões de gênero e sexualidade, daí a importância de que os professores procurem uma formação para aprender a trabalhar da melhor maneira com o tema.

Puerto (2009) explica que na formação inicial também deveríamos ter disciplinas obrigatórias que tratem dessa questão, para que os professores já chegassem na escola com um olhar diferente. Na sua visão, "o grupo de estudos não vai sanar todos os

problemas. A importância está no fato de ele abrir e modificar o olhar. Ele não é o único caminho, é apenas mais um”.

Ribeiro e Souza (2003) destacam que verificaram em seus estudos que existe uma lacuna na formação inicial docente, pois no currículo regular do curso de licenciatura não existe um espaço para a reflexão com os/as futuros/as professores/as sobre a sexualidade, dificultando um trabalho teórico e prático cientificamente fundamentado. A Educação Sexual vem sendo reconhecida, pela maioria dos professores, como necessária e importante no processo formativo dos alunos. Muitos deles se preocupam e se sentem, em vários momentos, inseguros e até temerosos, diante desta tarefa. Nesse sentido Pinto, salienta:

à preocupação e o interesse em proporcionar às pessoas, em especial às crianças e aos jovens, uma Educação Sexual que os torne capazes de viver a sexualidade com liberdade e em plenitude, não é exclusiva de professores e pensadores de nosso século, embora seja nesse período, que essa preocupação e interesse emergiram com mais vigor e determinação (PINTO, 2016, p. 83).

Os professores respondendo se a necessidade de capacitação da temática em estudo, estes disseram que sim precisam, pelo facto de ser necessário estarem sempre preparados para assumir seu papel na sociedade, e por meio dos encontros de formação é possível refletir sobre nossa prática docente. O processo de formação do professor precisa ser contínuo, o professor precisa refletir sobre suas ações e práticas pedagógicas de forma coletiva com os demais professores.

A transformação acontece à medida que nos unirmos, pois, são as ações conjuntas que possibilitam ao profissional aperfeiçoar sua prática, estando diretamente ligada aos problemas vivenciados em sala de aula. É indispensável que os professores busquem nos encontros de formação adaptar suas ações conforme as mudanças ocorridas com a globalização e que o conteúdo de orientação sexual esteja de fato no planejamento e na prática em sala de aula.

Oliveira (1994), esclarece que por meio da formação continuada o professor pode conquistar sua autonomia profissional, refletir sobre sua prática, construir teorias acerca de seu trabalho, já que é a reflexão na e sobre a ação que lhes permite participar ativamente dos problemas, analisar suas práticas, rever suas rotinas, inventar novas soluções. De acordo com Batista (2008), ao professor cabe a busca e a conquista de sua voz, resgatando o seu papel de professor e colocando em prática, no seu dia a dia, a sua

vocação, revelando os sentimentos e desejos que lhe motivaram a fazer essa escolha profissional.

Quirino (2014), afirma que é necessário realizar investimentos na formação inicial e continuada dos professores nas escolas nas diversas áreas do saber, especialmente quando se refere às temáticas de orientação sexual, principalmente pela necessidade urgente de mudança de paradigmas que norteiam a atual práxis pedagógica do ambiente escolar. Foram ainda inquiridos 20 alunos dos quais a maioria são do gênero feminino e por outra a maioria dos alunos inquiridos estão nas idades compreendidas entre 16-20 anos de idade. Foram questionados se tinham conhecimento sobre o que seria educação sexual, foi possível aferir que poucos têm conhecimento sobre o assunto.

Portanto Segundo Quirino (2014), a educação sexual é um tema que divide opiniões, principalmente quando se fala em abordá-lo nas escolas. Há setores da sociedade que defendem que o assunto só deva ser tratado em casa, por pais e mães. A educação sexual também é uma questão cercada por desconhecimento e ideias equivocadas. Nesse sentido Nunes; Silva (2006, p. 61) afirmam que “a educação sexual é ter acesso ao conhecimento sobre o corpo humano e a todas as questões ligadas, diretamente ou indiretamente, ao relacionamento sexual”.

Portanto, a educação sexual é muito importante para que a criança e ao adolescente cresçam com uma ideia bonita e positiva do corpo e do sexo. Se os pais e a escola não explicam, a criança vai aprender de qualquer forma, na rua, com amigos, pela internet e, muito provavelmente, vai ter uma visão promíscua do sexo, uma visão negativa. Questionados se na escola tem-se abordado acerca do tema uma parte significativa afirma que sim, em contrapartida a outra parte afirma que nunca se falou acerca do assunto na escola. Com isto, é de conhecimento de todo professor e até mesmo dos pais que não existe uma receita pronta para formar bons alunos e/ou bons filhos. Mas, enquanto mediadores do conhecimento, o professor deve buscar se aperfeiçoar em relação à sua área de atuação.

Ao se tratar da Educação Sexual, o professor deve buscar o maior número de informações e experiências que possam ser passadas para o aluno de forma que venha enriquecer as informações dele a respeito do assunto, propiciando a eles uma vida sexual prazerosa e, acima de tudo, com responsabilidade. (TIBALLI; CHAVES, 2003).

Por mais surpreendente que seja, muitos jovens relataram numa pesquisa realizada por Tiballi e Chaves (2003) que: “O sexo hoje em dia está radicalmente banalizado”. Tal depoimento é considerado como positivo, visto que parte dos

adolescentes estão tendo a capacidade de perceber como o sexo era encarado antigamente, tido como tabu, e que desconhecer a respeito da sexualidade era uma questão de integridade moral, muitos percebem que a atual geração passou a encarar o sexo com outros olhos, onde tudo é normal e permitido.

Segundo Oliveira (1994), os professores em parceria com a família são fundamentais na formação sexual da criança. A família deve ser orientada, visto que ela é a fonte principal da formação, da base da criança, para que proporcione uma vida moralmente sadia, inclusive sendo responsável em passar um conhecimento adequado da sexualidade humana. Sabe-se que a boa educação começa em casa, visto que os pais geralmente buscam sempre a felicidade e conseqüentemente o sucesso do seu filho.

Nogueira, (2009) diz que a escola é tida como um importante complemento, isso quando bem orientada. Os jovens, apesar de muitas vezes não demonstrarem, são extremamente necessitados de conceitos morais e do amparo familiar que, quando realizados de forma coerente, proporcionam a formação de homens e mulheres de valores, exemplos para a sociedade.

Perguntados sobre quais temas tem-se abordado na Educação sexual nota-se que a maioria dos alunos por não saberem do que se trata o assunto, eles têm dificuldades em saber os temas que são tratados, em contrapartida uma parte significativa afirma que todos os temas mencionados nas opções de escolha são abordados, neste caso, a educação sexual aborda temas como o sexo, a gravidez, o aborto, métodos contraceptivos, a importância da camisinha e doenças sexualmente transmissíveis. Alguns defendem que tal termo já caiu em desuso cedendo lugar para o termo orientação sexual, mas esse ainda confunde algumas pessoas, pois também é empregado para designar a opção sexual de cada indivíduo, ou seja, sua preferência por indivíduos de gênero igual, diferente ou por ambos.

De acordo com Batista (2008), no período da adolescência, o organismo em sua totalidade (físico e psicológico) passa por inúmeras transformações e essas exigem que o indivíduo se adapte de forma rápida à sua nova condição. Nesse período, o indivíduo deixa seus comportamentos infantis e inicia algumas rotinas adultas. Normalmente a menina tende a amadurecer e lidar com suas responsabilidades mais rápido que o menino, cerca de dois anos antes, o que a deixa mais responsável em relação ao assunto.

Quirino (2014), afirma que nesse período, que é quando se inicia a vida sexual, o jovem precisa se preocupar em prevenir doenças e a gravidez precoce, para que a etapa

de adaptação às mudanças não seja “pulada”. A gravidez na adolescência pode provocar danos à saúde da moça, como por exemplo, anemia, eclampsia, retenção de líquidos, hipertensão e outras. Em relação às doenças sexualmente transmissíveis, ambos os gêneros necessitam se cuidar. Apesar do uso de contraceptivos, as DSTs somente podem ser evitadas com a utilização da camisinha (preservativo), independentemente de ser masculina ou feminina a camisinha impede o contato direto dos órgãos sexuais.

Segundo Batista (2008), é papel dos pais conversar com seus filhos a respeito do mundo do sexo. Detalhar de forma clara e sem rodeios como ocorre a transmissão de doenças e a gravidez, além de ensiná-los como devem se prevenir contratais. Conforme afirma Moraes (2015), devemos valorizar e privilegiar o espaço da escola para essas questões da Educação Sexual. E na escola, é importante que os pais e as mães tenham conhecimento do que vai ser ensinado, e apoiem o trabalho das/os professoras/res. Nesta direção, acredita-se que a Educação Sexual, ao lado de temas como a gravidez não planejada, ajude na formação da cidadania, que é uma das principais preocupações da escola.

Considerações finais

A Sexualidade e a Educação sexual se fazem necessário a todos e em todos os momentos de nossas vidas, é uma educação adequada que nos torna melhores e mais conscientes de nossos erros e anseios. Percebe-se a ausência de campanhas de sensibilização e maior divulgação sobre questões relacionadas a este assunto. Foi possível perceber a partir do estudo que apesar dos professores avaliados considerarem ter um bom nível de conhecimento sobre tema e a maioria não apresentar dificuldade em trabalhar o assunto, estes indicam obstáculos para desenvolver o conteúdo de modo adequado. Pode-se observar que, além de faltar formação adequada sobre a temática, também ocorre certo receio por parte dos próprios professores em falar sobre ela.

Uma hipótese para esta explicação relaciona-se com a interferência do meio social em que os professores estão inseridos, todavia, não justificaria o problema. Verifica-se uma ausência na busca por uma didática mais coerente. Muitas vezes, o aluno com receio e/ou vergonha não conversa com seus pais e acaba vendo no professor a oportunidade e confiança para conversar sobre medos e receios. O resultado da pesquisa em questão foi satisfatório, pois demonstrou que os professores realmente têm dificuldade em trabalhar o tema. Deste modo, os cursos de formação inicial necessitam repensar

suas grades curriculares e inserir disciplinas relacionadas à sexualidade, para preparar os futuros professores no trabalho com o tema.

Do mesmo modo, os cursos de formação continuada em serviço também precisam habilitar os professores em relação a este assunto, incluindo-o nos seus programas, considerado indispensável à formação e à informação dos alunos. Assim, como proposta para melhorar esse quadro, sugere-se um curso e/ou oficinas de formação em Sexualidade/Educação Sexual para os professores, em especial na escola de pesquisa, auxiliando na abordagem e aplicação de métodos que empreguem uma linguagem informal, atingindo e envolvendo os alunos.

Referências

- BATISTA, Cláudia Aparecida. **Educação e sexualidade: um diálogo com educadores**. São Paulo: Ícone, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- DINIS, Neves; LUZ, Antônio. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar**, Curitiba, n.30, p. 77-87, 2007.
- LEÃO, Augusto. **Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 350f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.
- MALINA, Robert; BOUCHARD, Claude; Bar-or, O. **Crescimento, maturação e atividade física**. São Paulo: Phorte, 2009.
- MORAES, Mastro. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: Fundamentos ontológicos e epistemológicos**. São Paulo: Papyrus, 2015.
- NOVAK, Elaine. **Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual com adolescentes**. 38 f. Monografia. (Especialização em Ensino de Ciências) Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2013.
- OLIVEIRA, Bertucci. **Qual a sua formação, professor?** São Paulo: Papyrus, 1994.
- PINTO, Venâncio. **Sexualidade na escola: discursos de alunos, mães e professores**. 177 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.
- PUERTO, Castiano. **Educação sexual e a escola**. Lisboa: Editora ID Books, 2009
- QUIRINO, George. **Prática docente em sexualidade e educação sexual no espaço escolar**. Curitiba: Appris, 2014.

Anfibio Z. Huo, Rogério F.; Mário, A questão da educação sexual no ambiente escolar em ...

RIBEIRO, Paulo; SOUZA, Diniz. Falando com professores das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade na sala de aula: a presença do discurso biológico. **Enseñanza de las Ciencias**, vol.21, nº1, p. 67-75, 2003.

SAVEGNAGO, Saurito; ARPINI, Delcio. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupo populares. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, Vol. 43, nº 150, 2013.

SILVEIRA, Denise; CÓRDOVA, Fernanda. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

TIBA, Ilidio. **Adolescência**: O despertador do sexo. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.

TIBALLI, Elianda, Arantes; CHAVES, Sandramara M. **Concepções e práticas em formação de professores diferentes olhares**. Porto Alegre: Alternativa, 2003.

Recebido em: 12/05/2024

Aceito em: 29/08/2024



Para citar este texto (ABNT): HUO, Anfibio Zacarias; MÁRIO, Rogério Filipe. A questão da educação sexual no ambiente escolar em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº Especial II, p.213-230, out. 2024.

Para citar este texto (APA): Huo, Anfibio Zacarias; Mário, Rogério Filipe (out. 2024). A questão da educação sexual no ambiente escolar em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial II): 213-230.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>